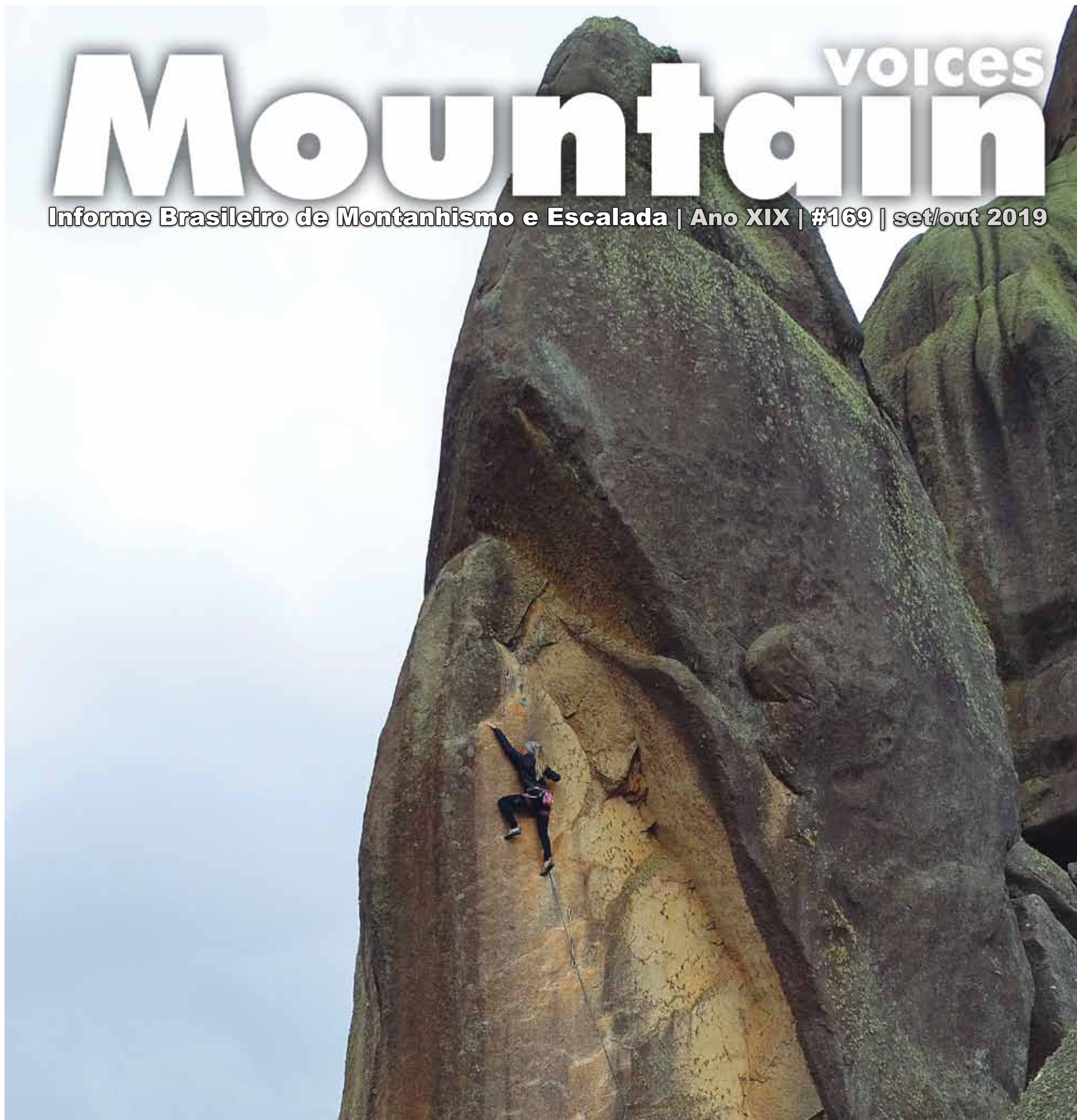


Mountain VOICES

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XIX | #169 | set/out 2019



ACESSO ÀS
MONTANHAS

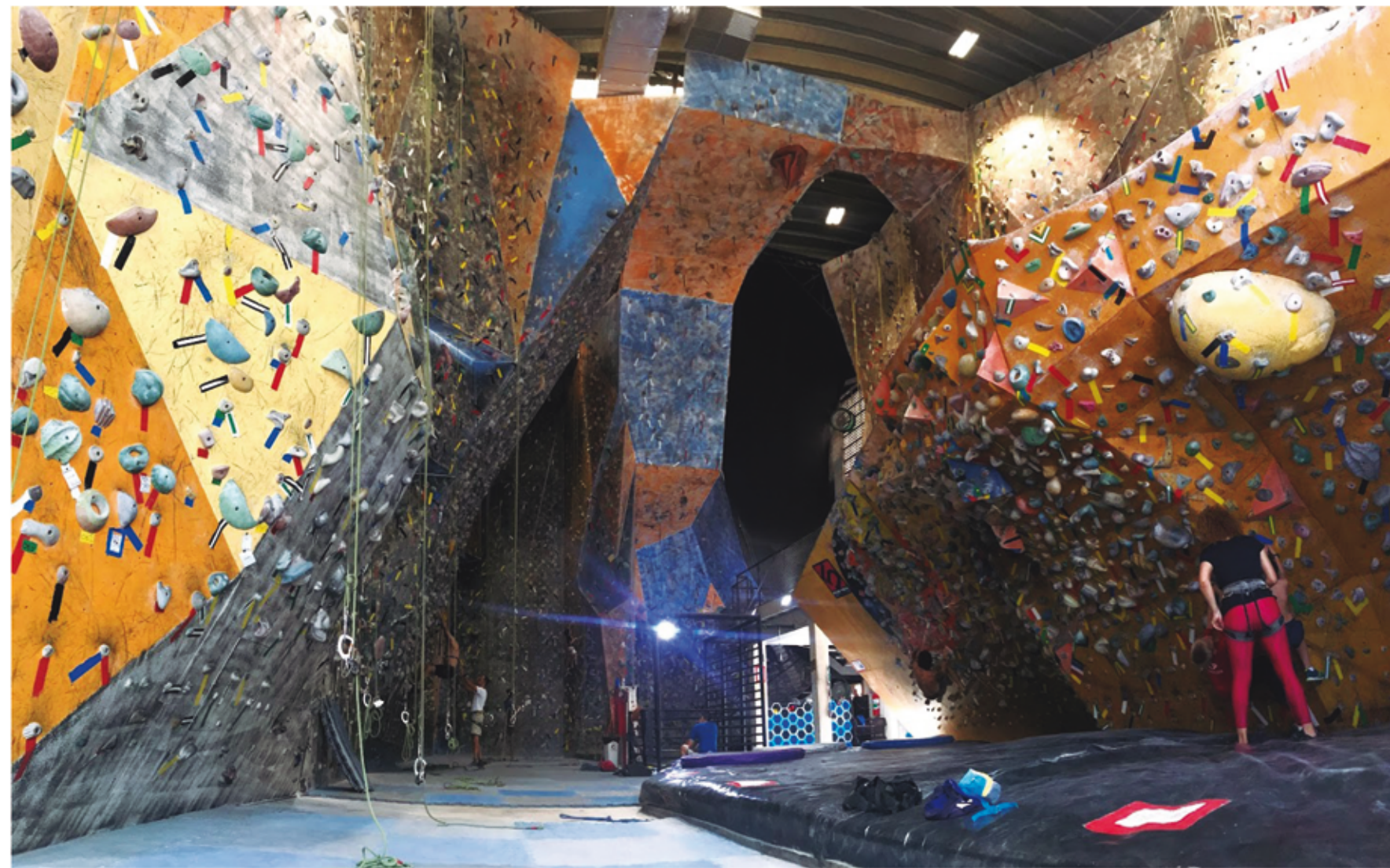
ITATIAIA
COUTO E PRATELEIRAS

DENALI
ESCALADA NO ALASKA

MONTANHISMO

ESCALADA

AVALANCHE



A ALMA DAS MONTANHAS NO CORAÇÃO DE SÃO PAULO
TOP ROPE • BOULDER • MURO DE VELOCIDADE • GUIADA • MUSCULAÇÃO

Perdizes
 Rua Venâncio Aires, 31
 tel. 11 3879-6800



Moema
 Al. dos Guaramomis, 256
 tel. 11 4563-2903

Sem medo de ser feliz

O que é um problema? Ou melhor, o que é sofrimento? Como e por que sofremos? Por que uns sofrem mais do que os outros?

Os antigos homens da caverna sofriam ao ter sua vida em risco. Ponto. Uma ameaça real a sobrevivência. Fim da vida. Acabou. Aí sim.

Alessandra Arriada

Mas e nós? Sofremos por ter uma dívida. Sofremos por insucessos. Desamores. Por Pré-ocupações. Ainda não aconteceu e sofremos. Sou algum planeta em Capricórnio que determina este sofrimento em antecipação por tudo. Muito pequena eu sofria em ver o Psicólogo de disciplina da escola, já imaginando um castigo, mesmo sem nem ter feito nada, já imaginava o pior, e chorava. O cara da casa não me deu o recibo, já penso que pode me processar. Se eu tenho um problema já penso na pior hipótese sempre. Somos assim ou sou só eu? Mesmo que em diferentes intensidades o ser humano tende como proteção a pensar nas piores possibilidades. Mas isto gera um stress do cão. Quem nunca tremeu num lance onde colocou tudo a perder e caiu somente por pensar no pior? A máxima, não sabendo que era impossível ele foi lá e fez é esse contraponto, se a gente não sabe o tanto de merda que pode dar, a gente vai indo e de repente a merda nem era tão grande e tudo se ajeita, pode crer que sim, fé inabalável sempre e rir de tudo depois. O problema muitas vezes é

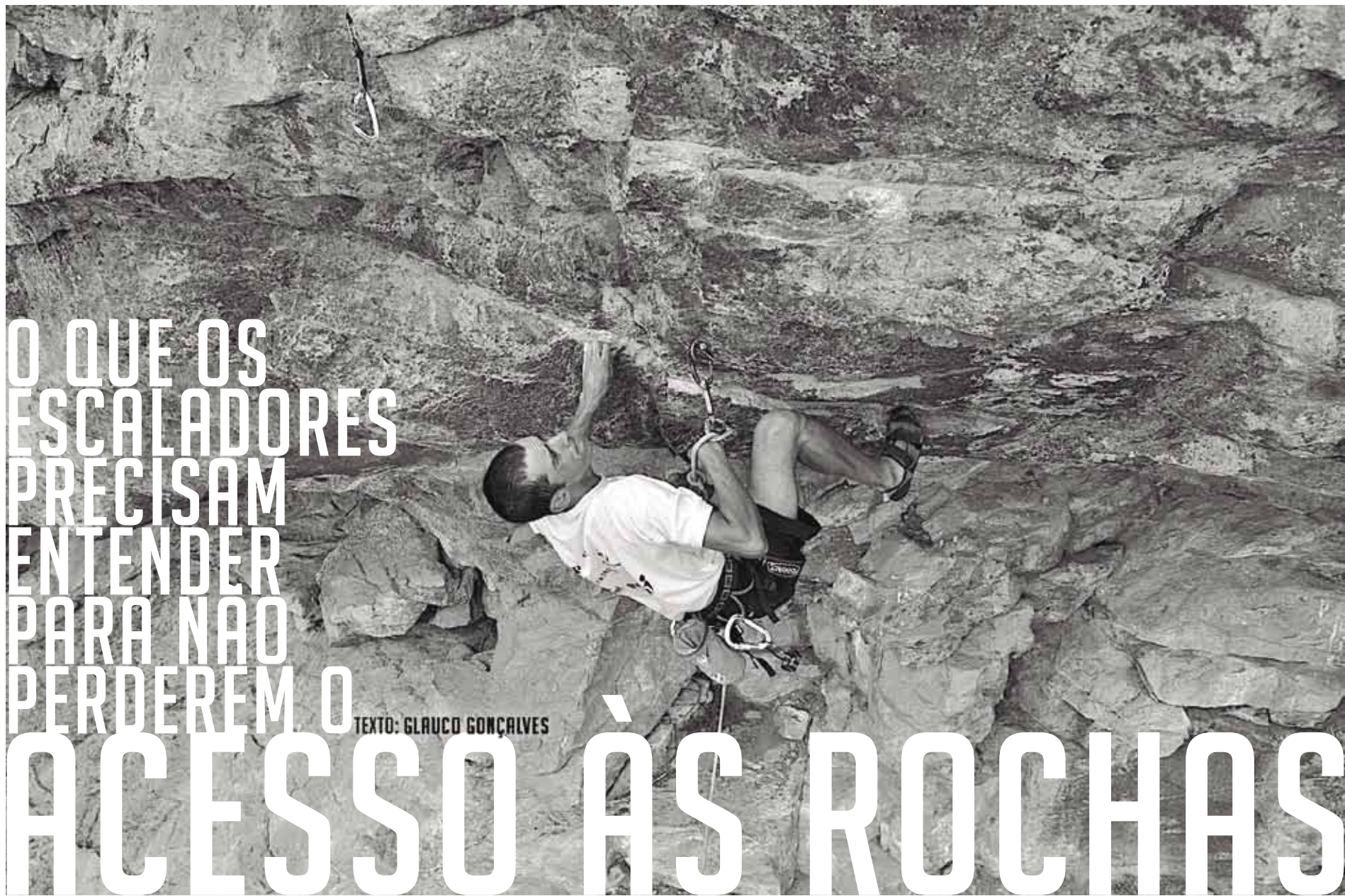
o embolar de coisas dando errado ou lances maquiavélicos acontecendo na sua vida ao mesmo tempo. Na hora pensamos, caraca, num dou conta, tem jeito não. O ar começa a sumir, o corpo paralisa, o peito aperta, uma vontade de chorar e pedir colo incontrolável e o único pensamento é: e se eu não aguentar? Começamos a pensar que vamos enlouquecer, ter algo físico, tememos pela nossa integridade, sanidade, vamos morrer, sofrer. Mas talvez, na pior das hipóteses, vamos aprender a duras penas que tudo passa, nos preocupamos, as vezes precisamos tomar medidas drásticas, nos machucamos, perdemos algo, mas nos recuperamos. Se mantivermos a certeza de estar bem, tudo tem jeito. Se ficarmos sem dinheiro? Trabalhamos mais. Se perdermos alguém? Quem disse que em outra vida a pessoa não estará melhor e quem sabe até nos reencontraremos. Perdi o trabalho? Consigo outro. Eu fiz uma bobagem. Sempre tem um conserto. E o melhor: vai passar. Sempre. Problemas sérios, mesmo eles, passam. De uma maneira ou

de outra e as vezes de maneira surpreendentes. Doenças são terríveis e mesmo elas na maioria das vezes têm jeito. Portanto, assim que eu sair desse temporal de raios e alta temperatura e pressão, com o rosto molhado, as mãos encharcadas e a pele cansada de dor e esgotamento, eu terei meu lugar ao sol, meu descanso. Com lições aprendidas e mais forte e mais pronta pra tudo. Como provas que vamos passando e achando que não vamos aguentar. Pois aguentamos. Viver é pra quem tem coragem. Coragem criamos a partir das adversidades. Mesmo a morte, muitos acreditam que é somente uma passagem, um caminho para o infinito e uma nova possibilidade de renascimento. Cada sofrimento passamos para aprender algo novo e acredito piamente na evolução pela purificação. Quando passava mais tempo no templo budista, perguntei ao lama sobre sacrificar um animal ou não, por conta de uma doença que ele estivesse sofrendo muito. Ele me disse que aquela dor era necessária para seu crescimento e não ocorria por acaso em sua vida,

caso eu a cessasse, ele a passaria em outra e mais outra vida. Eu deveria somente dar o meu melhor em confortá-lo durante o processo. Talvez devêssemos fazer o mesmo com nós mesmos. Nos dar colo durante qualquer processo, seja de aprendizado, seja de dor. Levamos tempo. Ao nosso redor, o mundo precisa da gente e não podemos nos abater. Vivendo um dia após o outro e observando nossas pequenas vitórias vemos como somos forte para tudo o que vier, pois estava escrito, era pra gente. Me entrego de peito aberto para qualquer experiência. Subimos o desconhecido com o claro sentimento de estar pronto para o que der e vier, para os perrengues mas também para as melhores paisagens. Se não passarmos as dificuldades de que maneira apreciaríamos a sensação de ter conseguido e qual a vista que teríamos? Que a gente se entregue sem medo para vida, pois tudo vai ficar bem, restarão histórias e lembranças de um lindo, porém não tão fácil caminho. Boas escaladas.



solo.ind.br | solo.br



Em uma manhã nos fins de julho de 2019, enquanto tomo café, leio com tristeza um post do montanhista Eliseu Frechou sobre o fechamento do acesso ao setor Akira, em São Bento do Sapucaí. A primeira reação que tenho é pensar que tipo de merda escaladores fizeram lá, mas logo fica evidente no texto do Eliseu que, neste caso, o acesso ao clássico Akira foi interditado por pessoas que tem ido ao pico a noite para fazer barulho e deixar lixo.

Convém salientar, sobretudo para quem não conhece, que o Akira é um setor incrível, repleto de problemas de boulders que vão dos fáceis aos muito duros. Há uma linda e curta via toda em móvel que é de onde vem o nome do pico. Trata-se de um setor clássico, com granito lindo e de qualidade, e vários blocos tem bases excelentes, o que permite (permitia né?) que uma boa quantidade de escaladores escalasse alguns boulders e travessias com poucos ou até mesmo sem nenhum crashpad. Por ser o setor mais perto da cidade (sobretudo depois do fechamento do setor Serranos (volto ao tema abaixo) permitia a que muitos escaladores e escaladoras de São Bento, sobretudo jovens iniciando no esporte, fossem a pé para lá. Quando morei em São Bento ouvi muitas histórias da molecada indo pra lá escalar a pé com pouco ou quase nenhum equipamento. Trata-se portanto (tratava-se?) de um setor convida-

tivo para iniciantes e experientes escaladores, viabilizava idas rápidas e lindos fins de tarde. De pensar me vem um misto de saudades e tristeza. Como foi dito, o fechamento do clássico Akira não foi pelo mau uso dos escaladores. Ainda assim nós, escaladores e escaladoras, perdemos mais um pico clássico e incrível, o que nos convida a pensar sobre a grande fragilidade que há no acesso às propriedades privadas onde existem setores de escalada. Quando se fecha um setor de escalada, se elimina uma história inteira. Uma porta fecha o passado de realizações e uma porta se fecha para um futuro de possibilidades. Se finda uma história de trabalho seja limpando bases e blocos, furando vias, ou antes de mais nada dialogando com os/as proprietário(a)s para viabilizar o acesso. Como se vê, para existir um novo setor em

uma propriedade de alguém tudo começa com um processo de "diplomacia do climb". Alguém procura saber quem é o dono, vai até ele, conversa, explica sobre escalada, e toma permissão para usar a propriedade para a prática deste esporte incrível. Tive a oportunidade de contribuir na abertura e desenvolvimento de alguns setores na região de São Bento do Sapucaí e Sul de Minas. Em geral esse contato com os donos e donas da terra acaba, não raras as vezes, se tornando amizade. Veja o senhor Dimas na Divisa, ou o Rubinho que dá nome ao setor de boulder, ou ainda a falésia do senhor Romão. Quando começamos os trabalhos da Pedra Branca de Paraisópolis não só nos tornamos amigos da família de proprietários como um deles passou a escalar com a gente. O Everaldo tinha já quase quarenta anos em 2014, quando conquistamos a

Dick Vigarista (V, 150metros) e a Coral de Abelhas (IV, 6sup, 180 metros). Desde então são incontáveis as vezes que ele escalou essas vias no quintal da sua casa. E não só: pegou gosto pela montanha, escalou várias vias no Complexo do Baú. No setor Divisa, um dos primeiros setores de escala esportiva do estado, a parceria entre escaladores e proprietários tem evitado sistematicamente seu fechamento ao longo da história. Neste ano, depois de mais alguns episódios que poderiam ter ocasionado seu fechamento, a parceria entre proprietários e escaladores gerou uma estratégia nova, sofisticada e muito bem-sucedida de organização e gestão do pico. Os proprietários assinaram uma procuração em nome de um grupo de escaladores locais, delegando a estes a responsabilidade de gestão de trilhas de acesso, manutenção de vias e placas de localização, delegando inclusive a responsa-

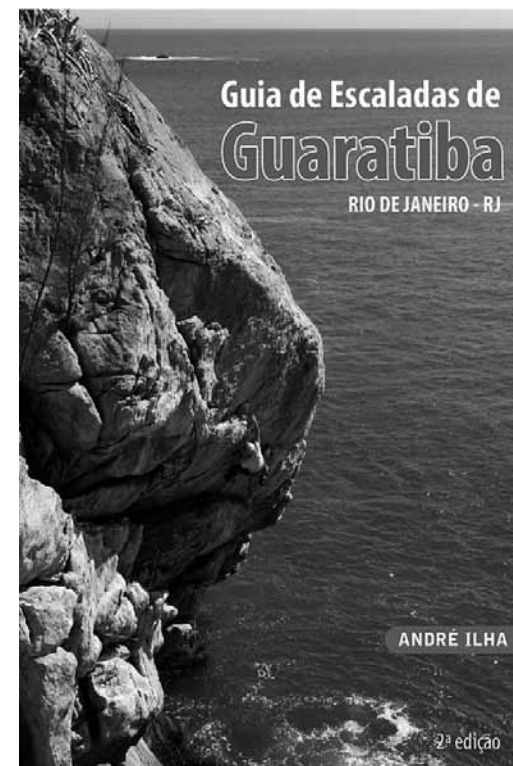
bilidade para proibir a entrada de pessoas que estejam descumprindo regras e gerando problemas. Poderia mencionar uma longa lista de exemplos onde a prática da escalada em propriedade privadas gerou também amizades e admiração entre escaladores e escaladoras e proprietário(a)s. Mas a questão central aqui é pensar: o que os donos e donas de terras ganham ao permitir o uso de sua propriedade para a prática da escalada: via de regra nada. Em São Bento do Sapucaí e Sul de Minas são dezenas as áreas de escalada em terras particulares que tem acesso gratuito, na verdade só uma única área de escalada em terras particulares pede contribuição para entrada, a falésia do Romão, o que permitiu o não fechamento deste maravilhoso setor. Mas então a cobrança de uma taxa para entrada de escaladores e escaladoras é a solução geral para resolver a questão do acesso e fechamento de setores de escaladas em propriedades privadas? São vários os exemplos no Brasil inteiro que a cobrança de taxas viabilizou a continuação da escalada. A falésia Paraíso em Pindamonhangaba, o Belchior em Goiás, a Lapa do seu Antão em Minas, dentre tantos e tantos outros. Convém salientar que nestes três exemplos citados, bem como também no caso do Romão, não foi só o simples fato de pagar para entrar que permitiu que estes setores continuassem existindo, a construção passou pela organização da comunidade de escalada local, seja por meio de pequenos grupos ou por associações e entidades organizadas. Não posso deixar de parabenizar o incrível trabalho da AEP (Associação de Escalada do Planalto Central) tem feito neste, e

em outras tantas frentes no cerradão. Ou seja, mesmo quando a cobrança de entrada é um caminho para manter um setor aberto esse processo exige organização, diálogo, e boa relação entre comunidade de escalada e donos e donas de terras. Claro que gosto (e sei que você também) da ideia de escalar sem pagar, feito quem pega onda no mar, algo que só mesmo os esportes de aventura na natureza permitem, mas também entendo e apoio toda e qualquer estratégia que nos permita seguir escalando, se o caminho for a taxa de entrada, que seja! Ao longo da última década, em São Bento do Sapucaí e Sul de Minas, são raros os setores que não correram risco de fechar ou que não foram definitivamente fechados. Falésia dos Olhos vive correndo riscos, Aranha fechou e agora só abriu novamente porque um escalador comprou parte da área. Vista Aérea e Monjolinho vivem na corda bamba. Dos tantos exemplos que eu poderia mencionar o que mais me enristece é o fechamento do setor Serranos. Fechado em 2013 este setor protagonizou momentos e eventos que marcaram a história da escalada em bloco no Brasil. Quando foi fechado a primeira hipótese que correu na boca do povo foi que alguns escaladores teriam pulado na piscina que existe por lá. Depois ficou mais claro que o problema era maior, e que o senhorzinho que era proprietário e que permitia a escalada havia falecido e seus herdeiros não viam vantagem em deixar escaladores ficarem entrando e saindo da propriedade. Vejam que este exemplo é forte, tem a ver com o fim de uma geração de pessoas que

ficavam felizes e curiosos com essa turma que sobe pedra. Uma geração que não via sua terra só como propriedade, via como acolhimento, como convite a apropriação. Mas essa geração foi ficando velha e está desaparecendo, no lugar dela vem uma nova forma de pensar e agir. A propriedade passa a agir contra a apropriação. A propriedade realiza assim sua vocação para a restrição, para a interdição. Aliás é meio que para isso que a propriedade foi criada. Soma-se a isto o fato de que várias áreas de escalada, em São Bento isso é regra, foram se valorizando e se tornando caras. Com o falecimento dos antigos, essas terras foram sendo vendidas para pessoas de fora da cidade, que constroem casas caras e que não querem escalador (nem ninguém aliás) dentro da sua propriedade. Aqui a propriedade é pura interdição. Vejam, o tema é complexo. Tem a ver com a forma de uso, mas vai também além dela. Portanto, como foi dito, toda abertura e permanência de um setor de escalada em propriedade privada requer cuidado, dedicação e diplomacia, além de muito trabalho e investimento (de dinheiro e de tempo). Isso ocorre ao longo de meses, por vezes anos. Mas o fechamento de um setor é feito de imediato, de uma hora para a outra, eliminando tudo de uma vez. Por isso é imprescindível que todos e todas atuem de forma impecável quando visitam um setor de escalada. Parece chatices pedir para seguir as regras, mas pense que uma única atitude pode colocar tudo a perder. Mas infelizmente setores são fechados mesmo quando a utilização é feita de forma adequada. Para minimizar isso em alguns lu-

gares se promove a cobrança de taxas de entrada, mas seria interessante em municípios que dependem da renda do turismo trazido pela escalada (São Bento certamente é um destes) que o poder público atuasse realizando políticas de promoção de parcerias e benefícios para proprietários que concedem o direito de acesso às suas propriedades. Imaginem a Prefeitura de São Bento colocando placas nas entradas, reduzindo impostos ou promovendo benfeitorias (arrumar uma estrada ou instalar porteiros, por exemplo) para quem permitir o uso de terras para escalada (podemos incluir aqui outros esportes ao ar livre como corridas de montanha ou bike, entre outros exemplos). Sabemos que muitas melhorias em estradas, e até calçamento delas se deu por força de estas darem acesso a locais de escalada. Mas podemos ir mais. A luta é longa e ao longo do tempo temos perdido muitos setores no Brasil, e aqui não temos uma comunidade grandiosa e rica como tem os americanos que se organizam e compram áreas para escalada. Por isso temos que se seguir a risca as regras de uso e acesso de cada lugar, temos que compreender e contribuir com que atuou para viabilizar sua cadena, contribuir na organização e se possível com as Associações e Confederações de escalada do nosso Brasilão. E além disso temos que compreender o contexto geral de cada setor, de cada região. Educação e respeito são essenciais! Pra você mandar aquele projeto e postar no insta primeiro de tudo o pico precisa seguir existindo. Abraços verticais.

Lançada nova edição do Guia de Escaladas de Guaratiba

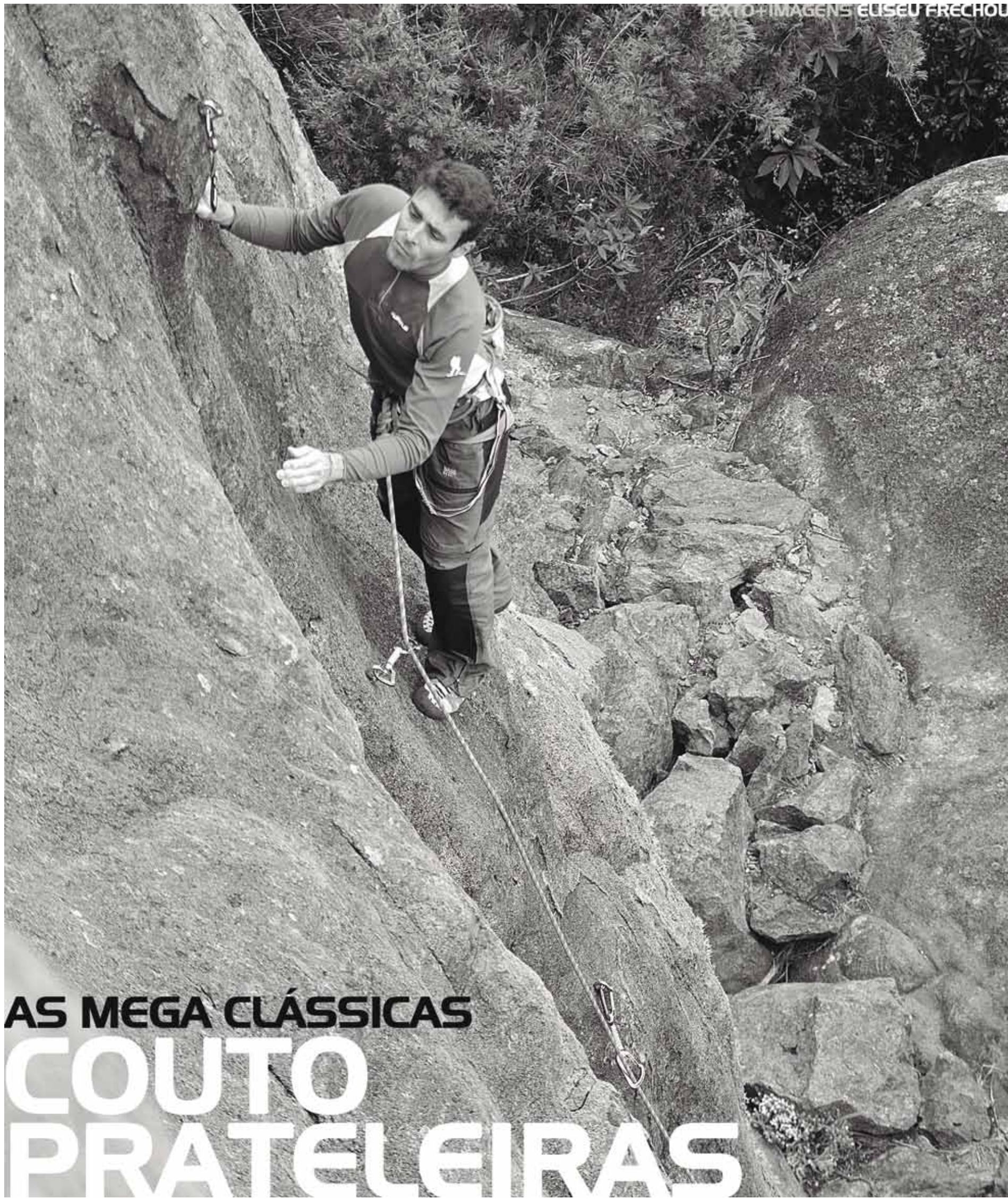


Foi lançada na ATM 2019 do Rio de Janeiro a 2ª edição do Guia de Escaladas de Guaratiba, do escalador **André Ilha** que cobre uma ampla área costeira na Zona Oeste da cidade, entre o Recreio dos Bandeirantes e Barra de Guaratiba. Publicado exatos 20 anos após a primeira edição, que cobria 122 vias, o guia atual descreve 216 escaladas, muitas delas em setores inteiramente novos e de rara beleza, como a Face Oculta.

Em sua grande maioria são escaladas curtas à beira-mar com proteção móvel, embora haja também algumas vias esportivas e outras tradicionais longas com grampos. O autor conquistou a grande maioria das linhas descritas, e todas as proteções fixas existentes em suas vias (em geral, paradas duplas de topo) foram trocadas por grampos químicos de titânio, o mesmo tendo acontecido com algumas vias de outros escaladores. No total, cerca de 180 grampos de Ti foram fixados

ali. Isso significa que Guaratiba se tornou um completíssimo centro para treinamento (e desfrute) de escaladas com proteção móvel, com lances de todos os estilos, graus (até VIIIc) e variados níveis de exposição. O livro, de 136 páginas, é todo a cores, e quase todas as escaladas constam em fotodiagramas muito claros, que indicam a linha a ser seguida, a posição das proteções fixas e o seu tipo (titânio, aço carbono etc.). Além disso, muitas fotos de ação inspiradoras mostram ao leitor o que esperar em cada setor.

É um pico belíssimo, todo ele com paisagens de filme e praias maravilhosas que convidam a um mergulho antes, durante ou depois da escalada. Há também caminhadas clássicas ali, com destaque para o início da Trilha Transcarioca, que atravessa toda a cidade em seus quase 180 km de extensão. Como se trata de um local muito tranquilo, em termos de segurança, espera-se que com esta nova edição do guia suas inúmeras paredes e grandes blocos à beira do mar venham a ser bem mais frequentados. Vale conferir!



TEXTO+IMAGENS EUSEU FRECHOU

AS MEGA CLÁSSICAS

COUTO PRATELEIRAS

Morro do Couto

O Morro do Couto fica dentro dos limites da área de Furnas, no Planalto do Parque Nacional do Itatiaia e é um dos destinos de escalada mais fáceis de serem atingidos. A partir do estacionamento que fica há 300m da entrada do Parque, serão não mais do que 30 minutos até a base do campo-escola Luiz Fernando.

A partir do estacionamento, siga a estrada que vai direção à grande antena que pode ser avistada da estrada. 500m antes da antena, há uma trilha bem marcada a direita da estrada, que leva ao topo do Morro do Couto. O campo-escola está nesta trilha, esbarrando nas 8 vias descritas neste croqui. Há mais duas dezenas de vias no Couto, mas estas são as mais frequentadas e as que precisam de menos equipamentos para serem repetidas.

1. **Órra Meu IV**
Alexandre C. Silva, Luiz F. Silva Jr. e Marlúcia Chacur. 98.

O rapel é desnecessário. Pode-se descer pela esquerda do topo da via.

2. **Gaviões da Fiel IV**
Marúcia Chacur e Luiz F. Silva Jr. 98.

No topo há uma parada dupla com malhas. O rapel é desnecessário, podendo descer na fácil caminhada pela esquerda.

3. **Domingo no Parque Vsup**
Luiz F. Silva Jr. E Cícero Vieira Neto. 97

Esta é uma via muito bonita para iniciantes, mas suas chapeletas originais foram roubadas e ela está atualmente com um misto de chapeletas e cantoneiras.

4. **Noites Cariocas IV sup**
Antonio Carlos Magalhães (Tônico) e Juliano Magalhães. 06.

Com grampos de 1/2". Seu rapel poder ser feito do último grampo dessa via como também pode ser feito pela malha rápida que tem na chapa final da Ouviram do Ipiranga.

5. **Ouviram Do Ipiranga Vlsup**
Marúcia Chacur e Luiz F. Silva Jr. 98.

O rapel pode ser feito numa única malha rápida, ou pode-se também continuar uma sequência de 3 grampos de 1/2", com lances de Vlsup, no qual essa rota se denomina "Da Zantiga". No topo desta não há necessidade de se descer de rapel, podendo descer na caminhada pela esquerda. Há um grampo de 1/2" no topo.

6. **Da Zantiga VI sup**
Felipe Guimarães. 98.

É uma continuação com grampos de 1/2" na via Ouviram do Ipiranga. No topo desta não há necessidade de se descer de rapel, podendo descer na caminhada para esquerda. Há um grampo de 1/2" para os preguiçosos.

7. **Garota de Ipanema VIIa**
Antonio Carlos Magalhães (Tônico) e Juliano Magalhães.

24/ 04/ 2006

Uma linha pequena de quatro grampos de 1/2".

O rapel pode ser feito no quarto grampo, ou também seguir até o platô mais acima colocando uma fita de abandono numa das chapas da via da direita. Mas há um grampo de 1/2" estratégico no topo desse platô para rapel.

8. **Terraço Itália. VIIb**
Luiz F. Silva Jr. e Cristiano Baran. 05.

O rapel pode ser feito na última chapa, com uma fita de abandono, mas também pode-se continuar para cima sentido direita até uma pedra grande, onde existem boas colocações para móvel, ou laçar a pedra com fitas. A descida pode ser feita na caminhada pela esquerda.

Prateleiras

Esta montanha é privilegiada no número de fendas, fissuras e chaminés. A face mais fácil de ser alcançada é a face Sul, onde a trilha é bem marcada e as vias tem início a partir dela.

Seguindo a via normal da face Sul, você vai obrigatoriamente passar pela base de todas as vias descritas aqui.

1. **Sexto Sentido Vlsup**
Eduardo Peixoto e Jobson de Oliveira. 86

Rapel em dois grampos de 1/2". Pode-se continuar a via mais um lance curto para a esquerda até um ponto triplo e depois seguir na outra via pra cima ou descer.

2. **Fenda VIIa**
Conquistadores desconhecidos. Rapel em grampo e chapeleta.

3. **Arista Cuchila VI**
Luiz Carlos Simões e Sergio Pinheiro.

O rapel deve ser feito no topo da via da Fenda que vem da parede oposta em uma chapeleta e um grampo.

4. **Pássaros Esperneantes VIIIa**
Eduardo Peixoto e Marcelo Ramos. 90

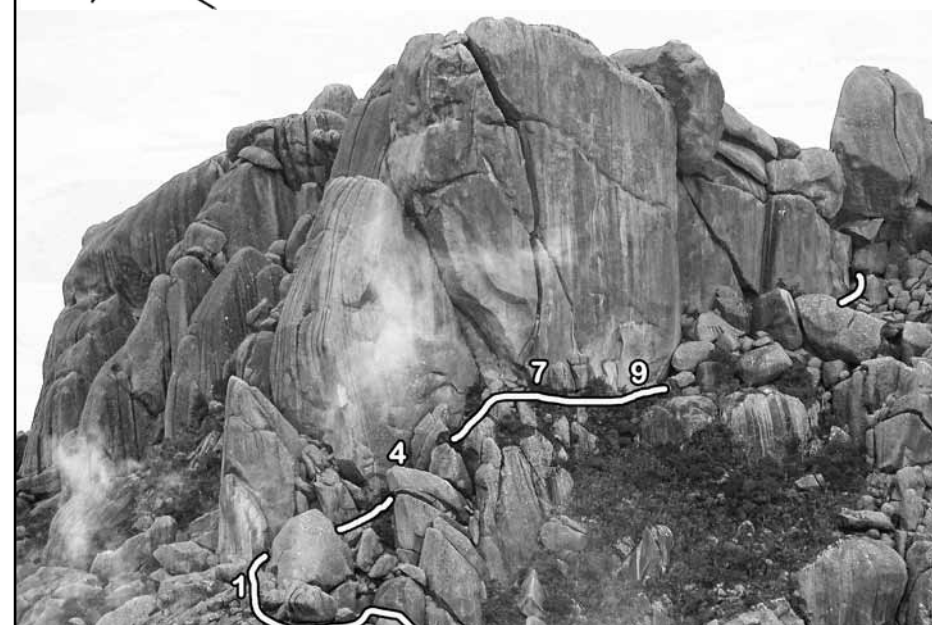
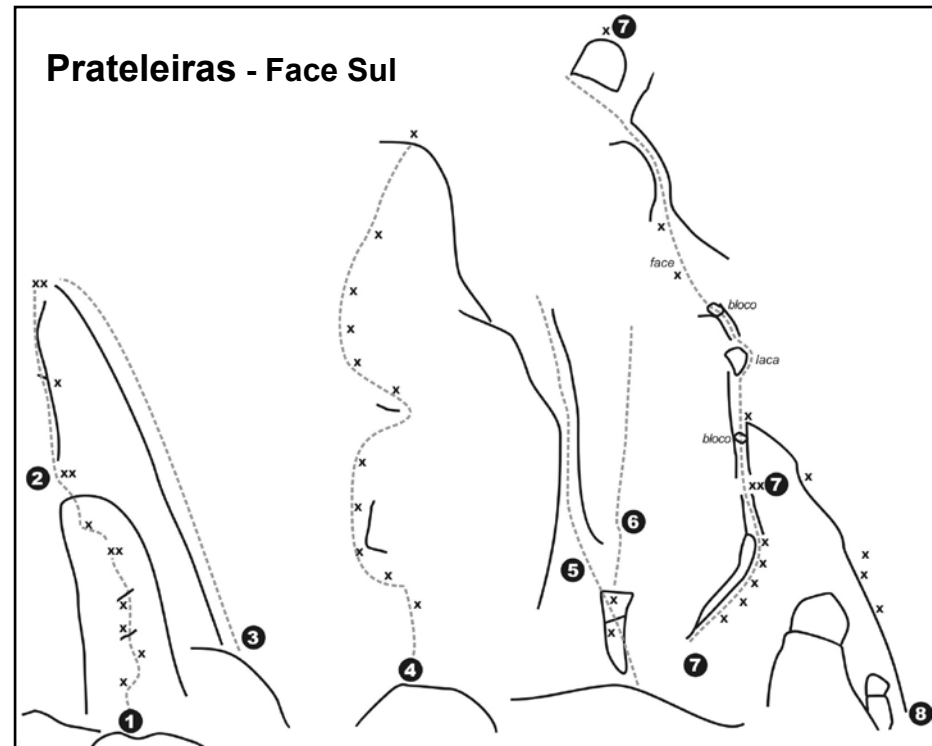
O rapel pode ser feito em duas etapas, saindo de um grampo de 1/2" somente, do topo há um outro grampo praticamente no meio da via. Dali outra descida até a base da via, ou faça uma descida pequena pelo outro lado e desça na caminhada pela Norte.

5. **Fissura das Nuvens Vlsup**
Felipe Guimarães e Daniel Stassi. 06

O rapel é desnecessário. Desça pela Norte. Essa linha começa nas duas chapeletas da Chaminé Ano Novo e continua em móvel contornando o tetinho e depois subindo na linha da fenda externa. Leve um jogo de peças pequenas e médias de friends e um jogo de nuts.

6. **Chaminé Ano Novo IV**
Luiz Carlos Simões e Montenegro. 86.

O rapel é desnecessário, pois pode-se descer pela via norte. A via começa em duas chapeletas numa rampa a esquerda da Idalicio, e continua entrando em um pequeno buraco, onde se vai praticamente para dentro das Prateleiras sentido lado Norte da montanha, saindo no lance do Cavalinho da



via Norte onde finaliza sua linha e pode-se desescalar.

7. **Chaminé Idalicio III/A1 ou VIIIa**
Etzel Von Stockert, Gilsepe Pellegrini e Carlos Carrozzi-

no. 64.

O rapel pode ser feito em um ponto triplo de grampos de 1/2" existente no cume das Prateleiras, bem próximo ao livro. Use duas cordas de 60m, ou desça caminhando pela via Sul.

8. **Fissura do Vento Vlsup**
Natael de Oliveira.

É uma variante da Chaminé Idalicio e que se encontra com ela em certo momento e segue até o cume. Friends médios e grandes. A via

possui grampos, mas estão bem enferrujados.

9. **Fissura Natascha** fendas direita e esquerda Vlsup

Eduardo Peixoto, Marcello Ramos, Jobson de Oliveira, Valeria Conforto e Carlos Filho.

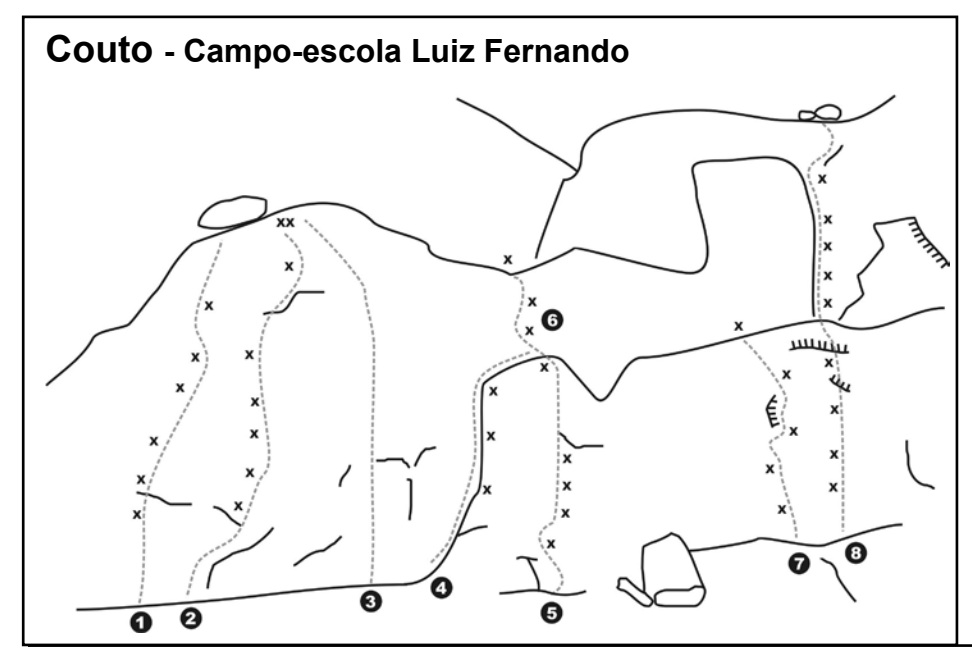
84. Escalada de fenda sensacional. Leve um jogo de friends. Rapel em um grampo apenas.

10. **O Moai A2+**
Flavio Daflon e Gerson de Carvalho. 97.

Essa via possui uns grampos intermedian-

do a sequência de cliffs. Inicie pela esquerda da Natascha. Leve cliffs variados para

agarras e buraco e friends.



Couto - Campo-escola Luiz Fernando

Sexto Sentido

A clássica das clássicas, por Jobson Pereira

A primeira vez que tivemos contato com essa linha foi em 1984, quando estávamos retornando da conquista da Fenda Calafrio. Naquele ano, não tínhamos equipamentos para abrir essa via. Dois anos haviam se passado e foi só em julho de 1986 que partimos para a conquista.

Conquistamos a Sexto Sentido em um final de semana utilizando cliffs nas agarras para que fosse possível furar a rocha com talhadeira e marretinha. Revezamo-nos na grameação. No último lance havia uma laca que se desprende durante a abertura do furo do grampo, quase me atingindo na base. O Eduardo Peixoto terminou a fixação dessa proteção, que hoje é a parada dupla utilizada pelos escaladores.

A ligação com a via Original da Pedra do Ídolo foi feita no ano seguinte com a participação do Marcello Ramos.

Para a época foi apenas mais uma conquista que havíamos feito no Planalto, uma bonita via na base das Prateleiras, e não imaginávamos que seria uma escalada tão popular.

Muito bom ver hoje, novos e antigos escaladores nessa via, que foi a primeira esportiva da região.



DENALI

TEXTO: TATIANA BATALHA
PARTE I



Em março deste ano novamente estava eu pelos arredores de Copiapó, na segunda tentativa de subir o maior vulcão do planeta, com seus 6893 metros de altitude, o Ojos Del Salado, localizado na fronteira Chile-Argentina, região árida, que torna a montanha um grande desafio.

Antes de tentarmos o objetivo principal da expedição, o primeiro desafio foi aclimação numa adaptação de roteiro dentro do grupo, tentar o vulcão Copiapó, montanha que eu vi na outra vez que estive na região e achei muito linda, e como na outra oportunidade já havia estado com sucesso no cume do Cerro San Francisco, o padrão do grupo para aclimação, pedi ao Maximo, que liderava a expedição, que se fosse possível fazer outra montanha sem prejudicar o grupo, eu gostaria. Tivemos voluntários para a adaptação e fomos. Eu por algum motivo que não sei bem ao certo qual, não tive forças mentais para levar a jornada ao cume até o fim. Havia começado um diferente preparo no Brasil, por conta, pois desde outra expedição no ano anterior, Ama Dablam, a qual fui com Carlos Santalena, percebi que as pernas estavam precisando de mais força. No Copiapó, força nas pernas não me estavam faltando, mas depois de uma sequência de viagens em que não cheguei ao cume desejado, naquele momento no Copiapó me fizeram a questionar os motivos de eu estar ali. O que eu queria provar? Precisava mesmo fazer aquilo. Estava com um grupo, agora pelos dias juntos, já os considerava amigos, e os candidatos que toparam essa outra alternativa de aclimação, todos homens, corredores de montanha e Arthur, o mais jovem e que se preparava intensamente para ir ao Denali em alguns meses, logo abriram junto a Max uma grande vantagem. Conversando com eles durante a volta, juntos pensamos que talvez vê-los tão a frente, tenha me deixado um pouco desmotivada, apesar de não estar cansada. Foi aí, nessa expedição ao Ojos onde Denali veio novamente como um tema de escalada em minha vida. Outra vez não cheguei ao cume do Ojos. Parei aos 6500 metros, eu e outro amigo, decidimos descer com o Maximo. Tive uma leve tontura no momento da travessia para chegar a cratera, não estávamos muito distante do restante do grupo, mas estávamos todos um pouco pensativos pois na véspera fomos surpreendidos no acampamento Laguna Verde com um pedido de ajuda de um senhor, que dizia que uma montanhista caiu e passou a noite no Ojos. Nosso grupo que se preparava para fazer uma caminhada de aclimação acelerou os preparativos, Maximo e Mario saíram na frente e foi Maximo quem chegou primeiro e ajudou no resgate da montanhista que não se encontrava nada bem. No momento em que me senti um pouco tonta, o outro amigo já um pouco cansado, Max pesou os fatos e nos falou que já havíamos tido uma intercorrência no dia anterior, e que se preocupava em poder acontecer algo novamente. Como confio muito no Max, aceitei os fatos, e mesmo sentindo que forças eu tinha, resolvemos os 3 descer dali. O grupo que seguiu

fez cume, num tempo maior que o esperado pois havia mais gente na montanha, o que fez com que encarassem uma espera numa pequena fila, por volta de 2 horas, na base da escalada final ao cume. Chegaram no refúgio a 5900 metros a noite onde os esperávamos, todos muito cansados. Arthur quando chegou me perguntou "Tati o que aconteceu?". Tínhamos combinado que faríamos no Ojos nossa foto de cume, eu me sentia bem e ao que tudo indicava, no meu ritmo dessa vez acreditava que chegaria ao cume, mas eu expliquei o que aconteceu... Não deu... Ele me fez prometer que ali não voltaria mais, que partiria para novas montanhas, há tantas para serem visitadas. E eu ainda pensava que com a espera de 2 horas que tiveram, se nós tivéssemos seguido teríamos, talvez conseguido, mas, no momento a decisão foi baixar, então passei a mentalizar que se foi assim, é porque tinha que ser. Mais uma montanha que eu tinha vontade de chegar ao cume e não consegui. E pela segunda tentativa. Mas como sempre, se fosse só pensar no cume, não teria nada a ganhar, nada a aprender. Como o que mais importa é o caminho até onde conseguimos ir, novamente me enriqueci de aprendizados sobre a natureza, e minha mente e corpo, e o principal, mais uma expedição onde conheci pessoas que vou levar comigo para o resto da vida. Em nosso grupo havia um casal, Gi e Alex, aventureiros, que gostam muito de ir para as montanhas por conta. Essa era uma experiência diferente para eles, ter guias, acampamentos montados, transporte até a base da montanha. Casal muito divertido, falante, que no ano anterior havia tentado subir o Denali com uma empresa americana, e teve alguns problemas com os guias e grupo, faltando pouco para chegar ao cume. Muito animados com o fato de nosso jovem amigo Arthur estar prestes a encarar esse desafio, se puseram a falar sobre a mais alta montanha da América do Norte, uma do projeto 7 cumes, ao qual muitos montanhistas se dedicam. Falavam sobre as belezas dela, as dificuldades de estar no meio da neve e gelo durante tantos dias. Era paramos para comer, descansar, que logo vinha o assunto, Denali. Eu já havia estado no Alaska, para fazer um curso de escalada e montanhismo com a IWLS e guias da Alaska Mountain Guides, e dava minha contribuição ao amigo que iria para as terras frias do Alaska em breve. Na ocasião em Maio de 2017 passei 21 dias nas frias montanhas, aprendendo sobre a estrutura e logística de escaladas na região, segurança e resgate em glaciares. Foram ótimas conversas, me fizeram lembrar de uma viagem linda ao Alaska. Lembrei de tudo, das dificuldades no começo do curso, em que tivemos que atravessar rio congelado, molhar botas duplas e casacos

de plumas, até então considerado por mim um "crime" e o final de sucesso para qualquer expedição. E aprender também que ao longo dos dias o sol aparece, tudo seca, as botas, as plumas e conseguimos levar peso acima para a montanha, e o que parece ser um frio insuportável daqueles que na hora se pensa "minhas mão vão congelar", era um limite que eu não conhecia, e que não era nada além de muito frio, era questão de se adaptar. E que é possível montar o acampamento, em meio a chuva e nevasca, e depois se abrigar e esquentar. E a jornada continuar! Bom, o que isso tem a ver com a escalada do Denali este ano? Denali era uma montanha que estava em meus planos. Mas ainda sem data programada. Anos atrás, fui assistir no cinema com amigos da montanha, a estréia de um documentário feito quando Carlos Santalena subiu com um grupo de brasileiros. Uma das montanhistas integrantes era a Ayesha Zangaro. Até então eu não a conhecia, depois descobri que temos amigos em comum, e eu já havia ouvido falar nela sem saber que era ela, pelo Manoel Morgado em 2011 quando fiz o Campo Base do Everest. Mundo pequeno... Ayesha é uma jovem grande pessoa,

agora bem conhecida pelos que apreciam as montanhas, por ter quebrado o recorde de ser a brasileira mais jovem a escalar o Everest em 2018. Nosso grupo de amigos, na ocasião do documentário, ficou admirado com as imagens e a história dessa escalada. Ali tive a primeira idéia de como era ir ao Denali, uma expedição que não tem suporte de sherpas ou carregadores como Everest, e Aconcágua, e como acontece em muitas outras montanhas por aí. Vimos naquele documentário que para subir o Denali, precisava levar tudo, ser uma equipe auto-suficiente!!! E cada membro do grupo era responsável por uma carga, puxando trenó e mochila montanha acima, desviando de gretas, vendo avalanches por perto, enfrentando nevascas onde não se via o caminho. Pelas imagens e relatos percebia-se que não era uma tarefa fácil. Eu e meus amigos saímos do cinema falando e pensando, tendo idéias, e discutindo sobre um dia nos organizarmos para fazer essa. Quando tive minha experiência no Alaska, no curso em 2017, em alguns momentos cheguei a pensar "Deus, que estou fazendo aqui? Depois dessa acho que para o Alaska não volto... Carregar todo esse peso montanha acima, passar frio e pensar que posso perder os de-

BIVAK
OUTFITTER

COM OS MELHORES EQUIPAMENTOS

JUNTOS,
SUPERANDO
EXPECTATIVAS

Loja Virtual: www.bivak.com.br
Telefone: 11 2308-6995
Rua Caramuru, 523
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

11 99349-1651
@bivakoutfitter
fb.me/bivakoutfitter

créditos da foto: Taraju Filho / Cerro Cathedral

dos ?!?!?!"... Mas como sempre e em tudo o que fazemos na vida, nada como dia após dia. E ver que os desafios podem ser completados, os medos encarados e trabalhados e com os conhecimentos adquiridos, ao final dos 21 dias de curso eu me senti muito bem, e feliz por ter encarado os desafios, e conseguido aprender o que fui lá buscar. E o melhor de tudo, como em todas as viagens que faço, fazer novos amigos. O pensamento de que "para o Alaska acho que não volto mais", se perdeu e se dissipou com o tempo, e o que ficaram mesmo foram as boas lembranças de superação e aprendizado.

Voltei então do Ojos del Salado, com a cabeça de que essa montanha não está me permitindo chegar ao cume, vamos respeitar e mudar de ares e paisagens. A expedição adiantou um pouco e parte do grupo voltou para o Brasil antes. Meu mais novo amigo e parceiro de montanha queria aproveitar os últimos dias de férias e mal chegamos em São Paulo, no dia seguinte já imendamos uma escalada em rocha, algo tranquilo e próximo para testar nossa parceria nas rochas. Arthur estava a mil por hora treinando para o Denali, e eu há tempos em busca de uma parceria para escalar. Começamos a treinar e escalar sempre que possível. Nessa mesma semana, recebi uma mensagem de um guia e amigo da Argentina, com o qual fiz um curso de escalada em gelo. Alguém pode perguntar, mas para que tanto curso... É... Fiz vários, mas em nenhum até o momento eu tinha aprendido a colocar os parafusos no gelo, a guiar nas cascatas de gelo, e era isso uma das coisas que eu queria aprender quando fui em busca dos cursos. Comecei a ir atrás do conhecimento depois de um evento no monte Elbrus, que me fez pensar que preciso estar preparada para me proteger, ajudar e não piorar uma situação em caso de necessidade. Penso que os guias são seres humanos, e se apresentam algum problema, como eu ficaria numa situação se não tivesse um mínimo conhecimento? Comecei a estudar, e a ir para as montanhas com pessoas que confio, mas querendo agora saber onde vou, como vai ser e o que posso fazer caso haja alguma intercorrência, não apenas mais ir, na dependência de alguém. Mesmo porque esse alguém pode precisar da minha ajuda e preciso estar preparada para tal. Encontrei Julian, num vídeo nas redes sociais, onde mostrava como era um de seus cursos. Pelas imagens era o que eu queria muito aprender, e logo escrevi pedindo informações, e no inverno de 2017 estava eu outra vez em Mendoza, pertinho da montanha que tanto gosto, o Aconcágua, fazendo o que eu tinha muita vontade de aprender. Escalar gelo! Foi assim que conheci Julian Insarralde, professor de Educação Física e Guia Argentino formado, de escalada em rocha, gelo e alta montanha. Foi uma semana de novos aprendizados e revisão de conhecimentos antigos. Quando abri a mensagem, na semana pós Ojos, um áudio onde ele me dizia que estava

com um grupo de amigos organizando uma expedição ao Denali. Que estava entrando em contato com alunos, ex-alunos, amigos que ele conhecia, que tinham o perfil para enfrentar a jornada, e que lembrou de mim, se eu teria interesse. Naquele momento não pude conter a ansiedade. Tinha os amigos que iriam em breve, seria ótimo ter a oportunidade de encontrar com Carlos, Arthur e quem mais fosse para a montanha. Não contive a animação. Mas vinha numa sequência de Ama Dablam (não é barato chegar lá), Ojos del Salado, uma pausa para ir para as profundezas do mar mergulhar, ou seja, eu teria que avaliar os gastos. Lembrava bem que para ir ao Alaska, é "um pouco" caro. Das conversas com o casal que tinha ido ano anterior, a expedição é cara. Mas não custava perguntar. Respondi prontamente ao meu amigo Julian que era uma montanha que estava em meus planos, mas teria que fazer as contas, ver as datas se seria possível me ausentar no trabalho. Dependo do trabalho para pagar as expedições, e quando nelas, fico dias sem dar plantão, quando volto faço o quanto é possível a mais para organizar o orçamento para as próximas. Recebi então o e-mail de meu amigo com as informações sobre a expedição, dias de jornada, equipamentos necessários, valores. Iriamos como uma expedição de amigos e para minha alegria, com isso os custos saíam menor do que eu esperava e caberiam no meu orçamento. Datas... Nem pude acreditar quando vi o itinerário e os voos dos integrantes, caíam bem no dia em que começavam minhas férias de um dos trabalhos. Recebi isso tudo como um sinal positivo de que por mais que parecesse um impulso, eu deveria agarrar essa oportunidade. Equipamentos fui juntando ao longo dos anos, então gastaria somente com aluguel de snow shoes e o cobre botas. Passagens!!! Da última vez que fui para lá , foi a saga. Muitos voos, nada barato. Comecei a buscar, e quando é para ser, os caminhos vão aparecendo e consegui encontrar as passagens em ótimo valor. Comprei e avisei Julian que estaria com eles nessa jornada. Ficou muito feliz com a minha resposta e começamos então os preparos para a expedição. Isso tudo aconteceu muito rápido, final de março e começo de abril, a expedição começaria dia 17 de junho. Pela minha lembrança do treinamento em 2017, puxar trenós e carregar a mochila pesada nas condições de neve e gelo do Alaska não era tão simples, e resolvi melhorar ainda mais a força da mente e das pernas. Depois do Ama Dablam (expedição que ainda está rondando meus pensamentos para em algum momento chegar ao papel) conversei muito com Carlão, com quem estive na montanha, e comecei a ir atrás de como melhorar. Condicionamento cardiorrespiratório tenho muito, nado 4 vezes na semana, e nada melhora para preparar os pulmões que a natação. Mas por mais que outros amigos montanhistas as ve-

zes falassem, eu , um pouco teimosa, não muito fã de exercícios com peso, demorei para aceitar que eram também necessários. Fiz uma avaliação com a Lumagalia (Lucia Magalhães) que avalia o pessoal que viaja com o Carlos Santalena. Ela ao contrário de outras pessoas me apoiou e valorizou todas as outras atividades que faço com preparo, que o pilates, a dança, natação me ajudavam muito, mas me abriu os olhos para a importância de acrescentar um trabalho de fortalecimento muscular, sem a neurose de ter que só fazer isso como fonte de melhora. Sou uma pessoa multi. Todas as atividades que faço me completam como ser humano e de certa forma me ajudam a subir as montanhas. Não tem como abandoná-las, para fazer só algo que não me completa a almasrs... Comecei então a musculação, meio que por conta. Ajudou, mas faltava um algo mais como vi no Ojos.

Universo à favor

O universo conspirando a favor quando não atropalhamos, logo que voltei do Ojos, consegui uma vaga que tentava a tempos num treino funcional do Sesc Consolação, um dos locais treino a natação. Logo fui marcar minha avaliação para começar os treinos. Meu treinador da natação sempre falava dos alunos que sobem montanha e o trabalho específico que eles faziam por lá. Tudo tem seu tempo, e chegou minha hora de treinar lá. Queria fazer o treino com meu mestre que já conhecia das águas, mas não tinha horário próximo com ele. Marquei então, a avaliação para montar o treino inicial, com um dos professores que tinha horário mais próximo. Eu precisava começar logo, teria menos de 3 meses para dar um gás para voltar ao Alaska. Queria me preparar melhor para chegar bem, e para dessa vez aproveitar ao máximo a oportunidade de subir uma montanha que tinha vontade de conhecer. Um pouco "traumatizada" com as últimas em que algo não me permitiu subir até o cume, fiquei focada em me preparar para que o quê dependesse de mim, eu estivesse bem. Fui também consultar um amigo ortopedista, médico do esporte, que me fez um interrogatório, pediu exames (era meu R1, descontou toda sua "mágoa" da residência nessa hora, foram uns 10 tubos de sangue rrsrsrs), ergoexpirometria (que deu muito acima de média , ou seja, quanto a preparo eu não teria desculpas de porquê desistir, fôlego e força eu tenho), me deu bronca, e me orientou pois com um trabalho praticamente em plantões, com noites trocadas por dia, e o tanto de atividades físicas que faço, sem uma dieta específica, sem um fortalecimento adicional, era esperado que em momentos de maior exigência eu me sentisse sem energia.

Foi assim que então começou o preparo para o Denali. No novo treino, quando eu disse para o professor quais eram meus objetivos, e o que eu queria melhorar, na

escalada, ele pirou. No bom sentido. Ele ficou feliz em receber um aluno com objetivo além do usual, perder peso, ganhar músculos... Percebi o quão preparado era, selecionou variados tipos de exercícios, e quase me "matou" no dia de montar o treino. Como eu já tinha alguma experiência e preparo, não medi esforços e usou a criatividade para me deixar bem para os objetivos desejados. Conforme fui realizando os treinos, fui percebendo os resultados nas travessias e escaladas que realizei por aqui antes de partir rumo ao Denali. Nada de aparelhos repetitivos... Uma variação de subir e descer bancos , pesos nas canelas, abdominais penduradas, pendurar-se com a mão toda, 4 dedos, 3 dedos... E o preferido, arrastar o saco de 40 quilos pela cintura, hora em que os amigos de treino tiravam um sarro da minha cara e pediam para ser carregados que seria bom para meu treinamento. Foi chegando o dia de embarcar para mais essa empreitada. Meus amigos do Ojos, onde o Denali surgiu como uma conversa, e se transformou para mim em mais uma aventura no ano, tomaram rumos distintos. O que estava com a expedição mais acertada de todos teve problemas no trabalho e acabou tendo que adiar a viagem, Arthur não iria mais. Nosso casal de amigos, Alex e Gi, que no ano anterior ficaram a poucos metros do cume, se animaram com a minha decisão de ir, até tentamos estar na mesma expedição, mas por horários de trabalho e uma vontade grande dos dois de tentarem sozinhos a montanha que já conheciam por quase todo o trajeto, decidiram ir sozinhos, e assim o fizeram 2 semanas antes da minha partida. Os acompanhei o tempo todo, e tivemos a oportunidade de nos encontrar já em Anchorage, eles felizes por dessa vez terem chegado ao cume e descido em segurança, e eu a mil, aguardando o dia de voar para o glaciador, e com frio na barriga, pensando na jornada que havia pela frente. Ainda tinha o Carlão com um grupo de brasileiros na montanha, e antes da minha ida falei com ele, que iria procura-lo na montanha para dar um alô. Afinal, não é sempre que podemos encontrar amigos das montanhas assim, em lugares tão inóspitos. Adoro quando esses encontros acontecem. Dias antes de ir, fazendo uma faxina na minha caixa de e-mais, acabei encontrando um, de contatos iniciais com o Carlos Santalena, para programar alguma expedição com ele e sua equipe, e qual não foi minha surpresa ao ler, que falávamos sobre a possibilidade de ir ao Denali. Que eles estavam se organizando para ir no ano de 2019, e eu respondi na ocasião que estava na minha lista de montanhas, e que até essa data eu conseguiria me preparar para ir. Quando li isso, concluí então que, não foi um impulso a vontade e decisão rápida de ir para o Denali. Na verdade, já estava tudo planejado!

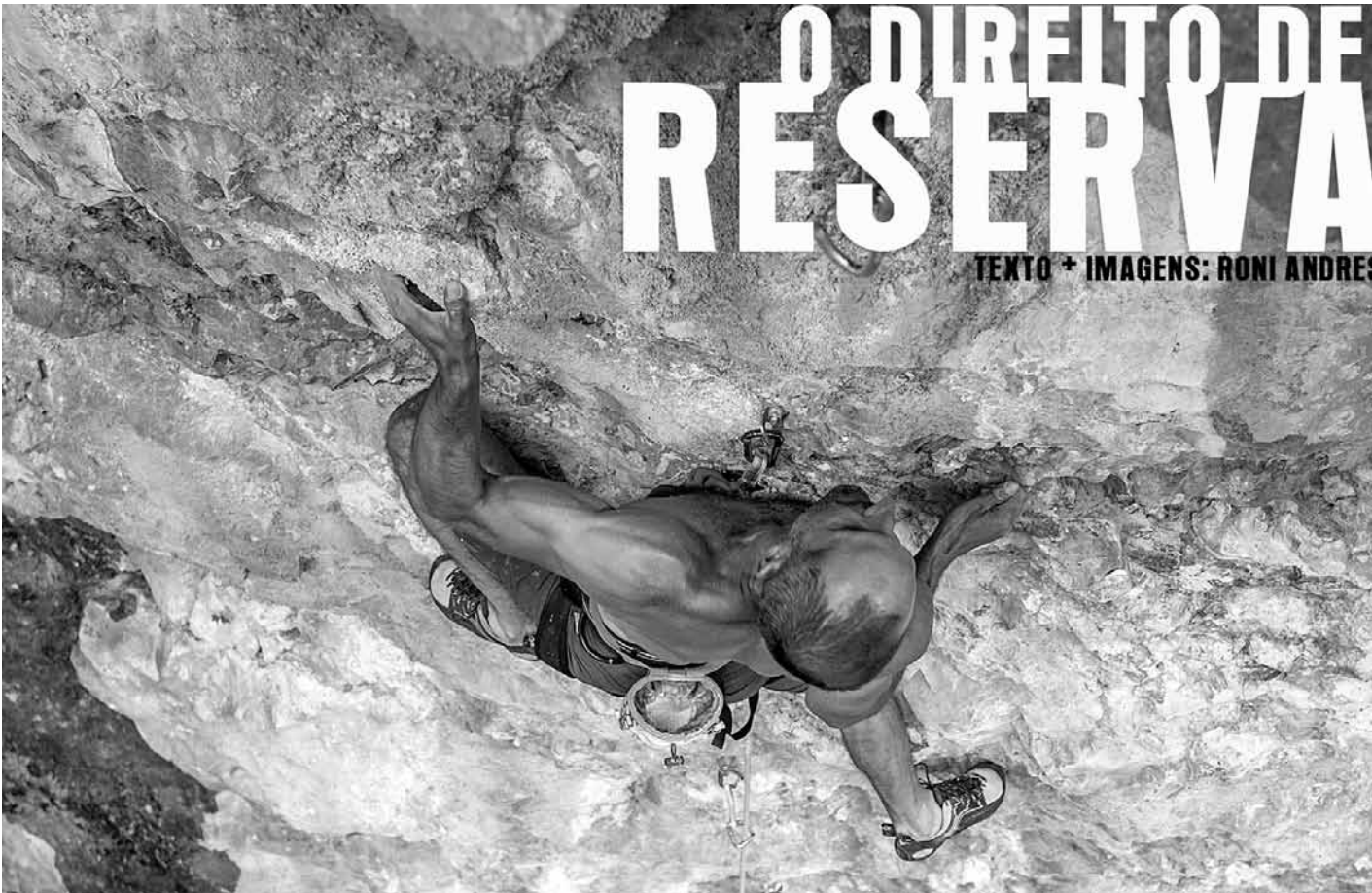
Continua na próxima edição

A história: Semana passada tivemos aqui na Itália um episódio de briga via internet, a respeito da primeira ascensão de uma via. Muito bate boca virtual por parte de pensamentos divergentes e até mesmo algumas ofensas por parte de alguns indivíduos menos tolerantes com as opiniões alheias.

Tudo iniciou quando um amigo, visitou uma falésia "municipal", ou seja, uma falésia conquistada por guias alpinos com fundos da prefeitura. Essa falesia a sua destra e no ponto mais negativo conta com alguns projetos e algumas vias não terminadas pelo forte escalador belga Nicolas Favresse, quando o mesmo ainda morava por essas bandas, falamos de mais de 15 anos atras aproximadamente. Como escrevi antes, esse amigo ao visitar a falésia ficou muito motivado com a possibilidade de restaurar algumas vias em principal uma proa negativa alta 35 metros. Como primeira coisa entrou em contato com Nicolas para obter o consentimento do mesmo e de acordo com a ética local. O fato de pedir uma autorização aos primeiros conquistadores da falesia é sempre de praxe, mas como a grande parte das falésias aqui na região é em terreno da prefeitura ou da província, para alguns determinaria "terra sem dono", logo não é difícil encontrar vias conquistadas sem a "permissão" de quem iniciou os trabalhos.

Pois bem, não obtendo uma resposta de Nicolas que mesmo tendo visualizado a sua mensagem não se interessou pelo assunto, fato que dava "caminho aberto", esse amigo iniciou o trabalho de restauração da proa negativa supra citada. Foram alguns dias de trabalho entre limpeza da bases e do projeto e a instalação de algumas chapeletas tendo em vista menos atrito da corda e também porque a via era incompleta. Trabalho finalizado iniciou a tentar encaadenar a mesma. Instalar todas as costuras fixas com malha rápida nas chapeletas, pratica muito difundida aqui quando as vias são muito negativas ou em travessia principalmente, e portanto, difíceis de colocar e retirar as costuras cada vez que se tenta a via. Para se ter uma ideia, o então projeto é alto: 35 metros para 20 metros de negativo. Essa via se revelou muito difícil, e pra quem trabalha toda semana, nem sempre o *weekend* oferece a previsão meteorologica ideal, logo esse amigo decidiu fazer uma pausa desse projeto demarcando como "reservado", amarrando um cordino vermelho na primeira chapeleta...

Reservar com um cordino vermelho... Não existe uma regra escrita, seria um perío-



do de tempo no qual alguém que conquistou uma via, possa tentar sua primeira ascensão sem que outros escaladores o façam. Para que isso funcione o escalador deve também demonstrar interesse pelo projeto, caso contrário, não existem projetos "reservados" pra sempre. Mais difundido na Alemanha, mas também utilizado aqui na Italia, o cordino ou um pedaço de fita vermelha amarrado na primeira chapa define um projeto como "reservado" ou "fechado", alguns escaladores aqui na Italia utilizam uma corda estática, que passa por todo o projeto, sinalizando que o mesmo esta ainda em fase de conquista, manutenção ou esta "reservado".

A confusão e o "nome aos bois"

Lorenzo De Bonis, grande escalador e conquistador de vias, foi o amigo que restaurou o projeto e o tentou antes do verão, demarcando como projeto "reservado" com o objetivo de retornar quando as temperaturas fossem mais amenas. Alfredo Webber é outro grande escalador da região, 50 anos de idade que ainda escala na faixa dos 9a fr. A briga começou quando Alfredo, alguns dias atras, informou a primeira ascensão da via "Solitary Souls" (nome dado por Alfredo) nella falesia Piazzole aqui em Arco. A noticia se difundiu rápida em alguns sites e no Instagram e logo foi motivo de uma discussão generalizada, iniciada pelos protagonistas. Lorenzo reivindicava a falta de ética no que diz respeito ao seu projeto "reservado" e também o direito ao nome, que segundo ele se chamava ja "Capolinea", mas principalmente reclamava um seu direito de a ter como projeto pessoal, devido as horas de trabalho em que esteve em falésia restaurando, o que era até então, uma via abandonada por tanto tempo. Da outra parte, Alfredo afirmava que não fazia idéia do que significasse aquele cordino vermelho na primeira chapa e que mesmo tendo visto as costuras e sinais de magnésio na parede, não imaginava que fosse um projeto "fechado" finalizando que a rocha não tem um

dono e que é de todos, logo não poderiam existir projetos "fechados". Dai em diante a discussão degenerou, como sempre muitos escreviam somente pra defender um dos amigos e sem refletir sobre o assunto...

É difícil escrever quando os dois envolvidos são conhecidos, o primeiro um amigo de tempos, o segundo uma pessoa que fiz amizade faz pouco, ambos pessoas que admiro pela motivação e temperamento, contudo pra mim como escalador e conquistador de vias foi impossível ficar em cima do muro e não dar uma opinião sobre o assunto.

O trabalho de conquistar vias não é uma coisa fácil, além dos gastos com material e o tempo empregado, acredito que exista também uma ligação entre o conquistador e a sua "obra", e se possível grande parte de nós gostaria de fazer a primeira ascensão da via conquistada, a não ser que nossa capacidade física ou mental não nos permita. Confesso que sou a favor dos projetos "fechados", aqui na Itália já tive alguns, seguindo o mesmo procedimento de amarrar uma fita vermelha na primeira chapeleta ou deixando uma corda fixa passada por toda a extensão da via e sempre funcionou. Escalei em falésias onde vi ou sabia que existiam esses projetos e nunca tentei um deles. Também fiz algumas primeiras ascensões de via não conquistadas por mim, mas sempre com consentimento dos conquistadores. Lembrando que muita gente não se interessa em fazer as primeiras ascensões de suas respectivas vias, conquistam e basta os chamados "open project" mas não é o caso da maioria. Também sou de acordo quando dizem que a rocha é de todos, uma via conquistada é sempre um presente pra comunidade de escaladores e não deve haver um dono, contudo a mesma via não existiria se não fosse os gastos e o tempo investido ja citados anteriormente, motivo pelo qual acredito que seja um direito e uma forma de res-

peito a "reserva" de uma via, aquele mínimo de tempo onde o escalador possa "finalizar" o trabalho iniciado.

E você? É a favor ou contra "reservar" uma via?

Boas escaladas a todos!

21 ANOS DEDICADOS À AVENTURA AGORA COM UM NOVO ENDEREÇO!



LOJA 1
(11) 3562-1801
☎ (11) 94284-6395
Rua Apeninos, 803 - Paraíso

LOJA 2
(11) 3879-6800 | Ramal 3
☎ (11) 94354-2641
Rua Venâncio Aires, 31 - Vila Pompeia

www.penatrilha.com.br



OS PARQUES DO ESPINHAÇO (XV): ESPINHAÇO ACIMA

A irregularidade do Espinhaço me fez pensar na frase: "A constância é contrária à natureza, contrária à vida. As únicas pessoas completamente constantes são os mortos." Aldous Huxley

A trajetória do Espinhaço está agora chegando aos limites ao norte de Minas. Antes de deixar o Estado, ele atravessa um grande espigão, onde foi criado um Parque ainda em desenvolvimento, com movimentados campos rupestres e infinitos campos gerais, cercados por muita água, que forma quedas, poços e cânions. Há também um minúsculo Parque intermediário, ainda sem estrutura. E a esperança de fundar uma nova reserva numa serra alta e abrupta.

Alberto Ortenblad | SP

Introdução

Se você pensava, como eu, que Serra Nova seria o nome de uma das muitas formações do Espinhaço, então você se enganou. Este nome tão otimista refere-se a um antigo vilarejo de apenas 300 pessoas, que você conhecerá meio isolado numa colina. Ela fica no sopé da parede de um dos mais novos parques naturais de Minas. É uma vila curiosa, com construções tanto novas como velhas, e que parece cercada por uma estranha expectativa – o que sugere que ela vai mudar muito no futuro próximo, quando o parque for mais conhecido. O Espinhaço é uma enorme serra retilínea, de grande importância histórica e geográfica, que atravessa o centro do Brasil, desde o sul da Bahia até o centro de Minas. E, até onde eu saiba, este é o penúltimo dos parques mineiros ocupando ao norte a crista do Espinhaço. Durante as décadas de 1990 e 2000, o IEF mineiro procurou lá criar unidades de conservação, para proteger sua natureza ainda íntegra e promover corredores de proteção. Você conheceu meus artigos sobre eles, áreas rústicas quase sempre sem estruturas, que abraçam naturezas atraentes.

O Parque

Pois o PE da Serra Nova foi ampliado em 2006, três anos depois de criado, para 50.000 ha, uma área considerável. Ele abrange os municípios mineiros de Rio Pardo, Porteirinha e Serranópolis, além de outros menores. São vilas modestas, que convivem com a aspereza do Espinhaço, a 650 km de Belo Horizonte e 450 km de Diamantina. Grandes espaços de um território vazio que contempla à distância a crista desta que é a nossa única cordilheira.

Como já observei antes sobre outros parques, o PESN tem um formato retangular, disposto no sentido norte-sul, que é a orientação básica do Espinhaço. Com comprimento de quase 60 km, apresenta no seu bordo interior ou oeste uma impressionante parede. Nela o quartzito exhibe uma feição mais homogênea ou menos fraturada, em especial na zona de Serranópolis ao sul. Já no lado leste de Rio Pardo, ele mostra encostas menos íngremes e rochosas. Sua largura é modesta, menos de 9 km

na média. A altitude deve ser próxima de 1.050m.

A Natureza

A paisagem predominante são os campos rupestres – eles ocorrem nos terrenos altos e acidentados encontrados nas serras e chapadas, com afloramentos rochosos, solos pobres e rasos e vegetação rasteira ou, eventualmente, arbustiva. Normalmente, suas plantas apresentam adaptações ao ambiente árido, com folhas espessas e troncos lenhosos. Neles o endemismo tende a ser elevado. Há hoje a tendência de considerar os campos rupestres como um novo bioma, como por exemplo a mata atlântica.

Deles disse Bernardo Gontijo que trata-se de uma paisagem grandiosa, profundamente gravada no imaginário mineiro, uma vez que acompanha nosso histórico de conquista mineral (...) a história das minas gerais passa necessariamente, pelos seus campos rupestres. Mas há também no PESN regiões mais florestadas, com cerrados, matas e caatingas, especialmente quando surgem grotas, morros ou nascentes. A fauna é a usual do Espinhaço: onças, lobos, tamanduás e muitas aves. O Parque pertence às bacias do São Francisco a oeste e ao Pardo e Jequitinhonha a leste.

O curso mais interessante talvez seja o Rio Mosquito, que apesar de nascer no planalto apresenta meandros típicos da planície. Corre para o Pardo, que é o maior rio da região. Caudaloso e piscoso, começa em Montezuma e encontra o mar em Canavieiras após 565 km. Ele é um rio rural em Minas e urbano na Bahia. Curiosamente, sua foz fica a menos de 15 km ao norte da do Jequitinhonha. Suas águas avançam mar a dentro, dando ao ambiente uma estranha coloração parda.

Travessia: Gerais de Santana

Acho que o único momento em que fez frio naquele fim de semana de agosto aconteceu às seis da manhã. Foi quando encontrei, num posto de gasolina em Porteirinha, as demais pessoas que tinham sido convidadas ou que se convidaram (como foi o meu caso) para atravessar o PESN. A administração do Parque estava tentando divulgá-lo e



Poço da Sereia, PE Serra Nova, MG

buscando apoio para sua estruturação. Partimos de ônibus no início da manhã do sábado e retornamos no fim da tarde do domingo.

E foi uma esplêndida travessia: depois de 17 km de boa estrada desde Porteirinha, chegamos na parede da serra por onde jorram suas mais famosas quedas, as Cachoeiras do Serrado, com 100 m de altura (existem ainda outras nas proximidades, belas e difíceis). São sete as cachoeiras, precipitando-se sucessivamente rio acima. Com toda a sua extensão e seu desenho irregular, a parede rochosa apresenta um aspecto dramático. Mas nosso objetivo era galgar a serra e logo começamos a subir uma trilha íngreme e nítida no meio do cerrado, embora com piso variável, com pedras de tamanhos, posições, cores e formatos díspares. Pois assim é a natureza diversa das rochas do Espinhaço, que parecem sobreviventes de uma catástrofe.

Com duas fortes subidas sucessivas somando um ganho de talvez 600m de altitude, alcançamos um campo rupestre, decorado por uma vegetação expressiva e assentado sobre a mais branca das areias. Era um antigo local de garimpo, como pudemos observar do alto de uma colina repleta de pequenos cristais de quartzo. Dalí atravessamos uma bela ravina rochosa, com suas paredes inclinadas acompanhando nos dois lados nossa rústica trilha. Era uma passagem,

desse lugares onde não paramos, mas foi para mim a mais bela visão de toda a caminhada, como se fosse um portal. Pois a ravina era de fato um portal. Ao se abrir, ou seja, ao terminá-lo, ele se abriu para os altos dos Gerais de Santana, a 1.300m, com um panorama dos amplos campos de gramíneas à nossa frente. Agora era o momento de descer lentamente à esquerda, até alcançar a Graminha, excelente local de acampamento, ao lado de um poço e próximo a uma cachoeira. Foram ao todo 15 km de caminhada, inicialmente a leste para penetrar na serra, e depois a sul, para percorrê-la.

Travessia: Cânion do Talhado

Se você quiser simplesmente atravessar o Parque para o outro lado, basta prosseguir por mais 12 km no rumo leste, descendo os Gerais até a portaria de Rio Pardo. Foi aqui que ele começou e logo falarei deste local. Mas nosso destino era outro, seguimos agora de carro por 12 km de uma estrada aberta para combater o fogo, passamos pelas formações rochosas e isoladas das Duas Torres, até chegarmos à ponte molhada do Rio Mosquito, a 1.000m. Voltamos a caminhar, agora no sentido do vale do Rio Mosquito, até chegar à

Cachoeira das Sete Quedas. Ela é uma sucessão de sete cascatas intercaladas com poços, onde a impetuosa verticalidade das águas repousa sucessivamente em doces remansos. No último deles, avistamos logo acima os paredões da Cidade de Pedra, esculpidos pelo tempo de forma dramática na rocha quartzítica. A partir daí, iniciamos a longa descida na direção oeste pelo vale do Rio Mosquito, que aos poucos vai adentrando as paredes do Cânion do Talhado, naturalmente por ele escavado no passado. Ele é assim chamado pelo corte que parece tê-lo formado, quando avistado pelo lado oposto, onde fica a sua entrada. Os paredões são fraturados, desiguais e incrustados de vegetação. Percorridos 2/3 da garganta, foi o momento de encontrar o deslumbrante Poço da Sereia, uma piscina natural limitada pelas rochas do cânion, cujas águas puras e geladas convidam para um mergulho inesquecível.

Depois de 10 km de trilha, encontramos a saída da garganta, onde o ônibus da volta nos esperava. Ao percorrer a estrada no rumo de Serranópolis, a serra encontrava-se iluminada, a bela e uniforme cor acinzentada de sua parede brilhava com a luz do sol poente, realçada pela pirâmide do Pico do Senharol, um de seus pontos elevados.

A Portaria

Se você deixar Porteirinha no rumo norte de Mato Verde, descortinará as elevações onde ficará o futuro PE Caminho dos Gerais, que é o último dos parques mineiros. Siga agora para leste e alcançará Rio Pardo de Minas depois de 80 km, quase a metade dos quais por terra. Você estará contornando o Espinhaço pelo alto, com o PESN sempre à sua direita. Logo na chegada de Rio Pardo, rodará por 22 km de uma razoável estrada de terra. Chegará então ao vilarejo onde o Parque começou e onde existe a sua única estrutura - uma pequena portaria e dois simpáticos alojamentos.

Se você descesse a leste desde o acampamento da Graminha, chegaria exatamente aqui, por uma rampa pedregosa no meio do cerrado. Mas meu objetivo não era subir, e sim conhecer a queda d'água, chamada de Pedra do Jacaré. É uma delicada formação no Rio Suçuarana, muito cênica com seu pequeno poço cristalino.

Existe nas proximidades do PESN o Escorrega, com uma sucessão de piscinas ao longo do Córrego da Velha. Ela culmina rio acima com uma rampa, que a água tornou perfeitamente lisa e que permite deliciosas descidas até o poço logo abaixo. É um lugar muito especial, sua beleza parece meio surreal pela gentileza do seu ambiente, em contraste com a aspereza da vegetação à sua volta. Apesar de recente e pouco estruturado, o PESN recebe talvez 12 mil pessoas por ano, naturalmente apenas das vilas do seu entorno. A razão de tanta gente é a atração exercida pelas cachoeiras e piscinas dos dois lados da serra, com bons acessos por terra. Preferiria, porém, que no futuro o Parque fosse mesmo conhecido pelas notáveis trilhas

no seu interior.

Serra Geral

Está surgindo um movimento em Monte Azul para a criação de um novo parque natural, que seria chamado de Serra Geral. De fato, ele prossegue o rumo do Espinhaço indicado pelo Serra Nova e, nesta região, a cadeia é usualmente conhecida como Serra Geral. Portanto, um nome bem escolhido.

Como parques naturais podem hoje ser criados com certa rapidez devido aos processos de compensações ambientais e como este artigo só sairá depois de um tempo, afinal o MV é bimestral, incluo o Serra Geral no meu relato, antes que sua existência possa surpreender algum leitor bem informado.

A serra tem um visual impressionante, devido a seu perfil recortado. À semelhança da Serra Nova, surge abruptamente no horizonte entre Mato Verde e Monte Azul, duas vilas modestas ao norte de Porteirinha. Seu principal acesso é a estrada que corre a oeste para Santo Antonio do Retiro, situado do lado oposto.

Existe uma dezena de cursos d'água no seu interior, que descem para os dois lados, integrando as bacias do Pardo e do São Francisco, em especial o Riacho de Areia. Diz Adamastor Lima que brotam mais de 40 nascentes da serra, uma importante razão para protegê-la. A vegetação que pude observar é áspera, dividida entre o cerrado e a caatinga, com a presença de alguns campos, onde a topografia acidentada permitir. Ela é habitada pelos animais usuais do cerrado.

O principal acidente é o Pico da Formosa,

ponto culminante da região com 1.820m. Sua corcova enganosamente curva esconde uma ascensão terrivelmente íngreme, que será tema de um próximo artigo. Por estar recuado, parece mais baixo do que os picos à frente. Fica a 16 km de Monte Azul, pela estrada que atravessa a serra e que deverá ser a principal via de penetração deste eventual Parque.

Montezuma

O Parque Estadual de Montezuma fica entre os PE Serra Nova e Caminho dos Gerais, que você conhecerá num próximo artigo. Pertence portanto ao limite mineiro norte do Espinhaço, numa região seca, de clima árido e solo pobre. É formado por um platô a 1.050m de altitude, atravessado por um vale encaixado entre pequenas escarpas e várzeas. Os biomas presentes são o cerrado e o campo.

O principal curso é o Ribeirão da Tábua, tributário do Rio Pardo. A colonização da região começou na Fazenda da Tábua, onde duas falhas geológicas geraram águas quentes que atraíram os primeiros povoadores – até hoje existe um pequeno balneário na cidade. O nome do município é uma referência ao Visconde de Jequitinhonha, um português que após a Independência adotou o sobrenome de Montezuma e foi definido como um misto de mestiço e fidalgo.

O PEM é um dos menores parques mineiros, com meros 1.740 ha não indenizados, equivalente a uma fazenda

de porte razoável. Foi criado em 2007, para proteger o Ribeirão da Tábua do avanço das plantações de eucalipto que o envolvem. É curioso encontrar logo à entrada uma bateria de fornos de carvão, num conjunto que parece surreal, entre a solidez das muitas paredes de tijolos em forma de iglus e as espirais de fumaça que deles emergem.

Afora o rio, o principal atrativo do PEM é uma mina desativada de ametista, que seria visitável por seu duto vertical, que chega a um grande salão interior. Percorri cerca de 16 km no Parque, principalmente ao longo de seu perímetro. Existe nas proximidades a RESEX Areão-Vale do Guará, cujos 48 mil ha procuram proteger da monocultura do eucalipto invasora as comunidades que extraem o pequi e a mangaba.

O Parque é visualmente pouco interessante, não dispõe de estrutura, sequer possuindo qualquer funcionário. Não é regularmente visitado, até mesmo pela região pobre e vazia a que pertence. Mas, se for sinalizado e divulgado, pode tornar-se conhecido, pelo fácil acesso e uso educacional. Talvez pudesse ser integrado às pequenas serras próximas, como Pau d'Arco e Macaúba, que têm desenhos muito interessantes.

No próximo artigo, o Espinhaço ocupará dois chapadões próximos, que o introduzem num novo território, já perto do seu final.

Alberto Ortenblad, São Paulo
ortenblad@terra.com.br

UMA LOJA ESPECIALIZADA
EM PONTAS DE ESTOQUE, PRODUTOS
FORA DE LINHA E USADOS. ONLINE :)

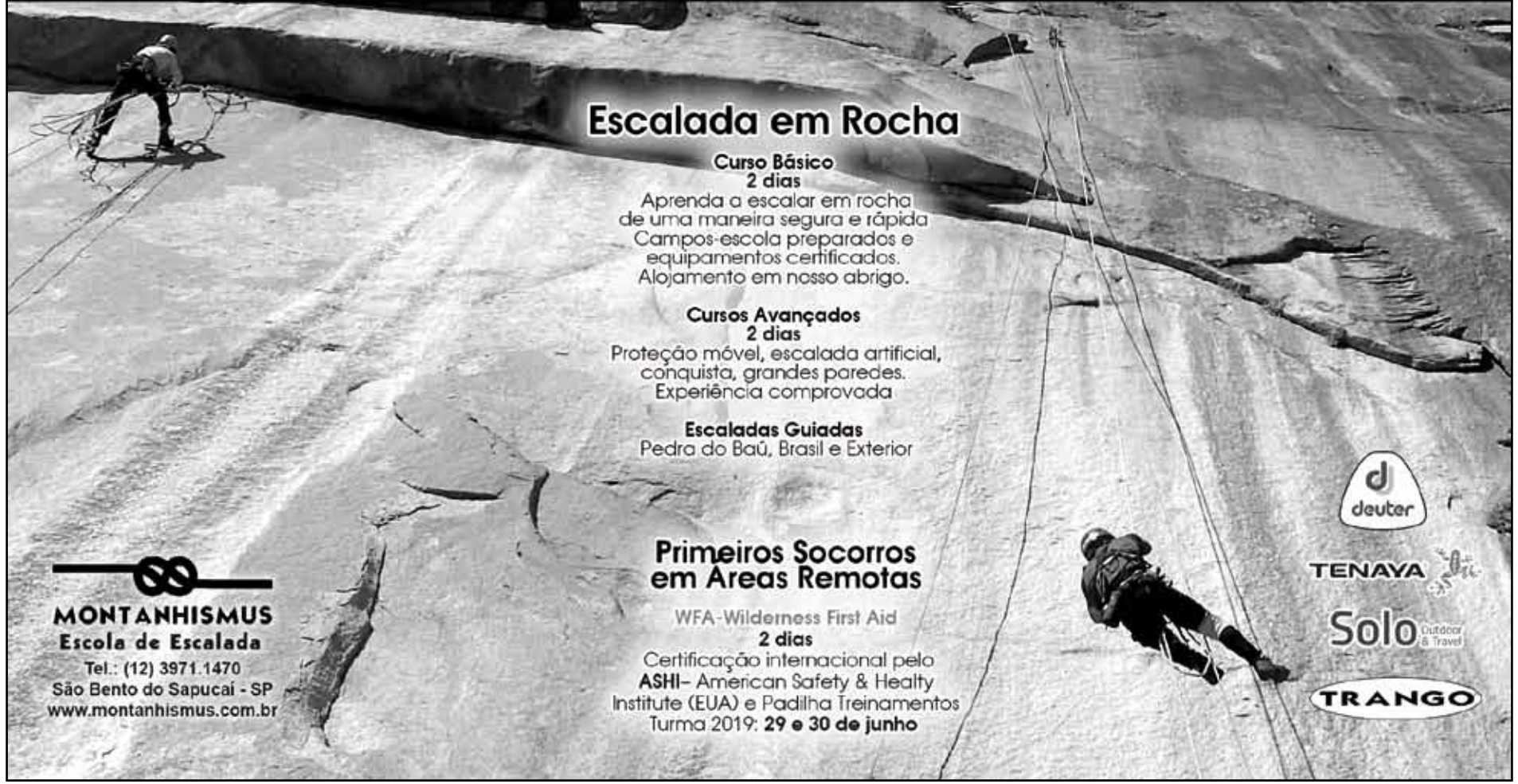
O ANTIGO BRECHÓ DA
MONTANHISMUS COM CARA NOVA
NO SEU PC, TABLET OU SMARTPHONE

MOCHILAS | AGASALHOS | ROUPAS | BARRACAS | EQUIPAMENTOS

PRODUTOS DE GRANDES MARCAS COM
PEQUENOS DEFEITOS E USADOS. VISITE
NOSSA LOJA EM SÃO BENTO DO SAPUCAÍ OU
COMPRE PELO SITE
WWW.MERCADOOUTDOOR.COM.BR



Desde 1989 formando montanhistas e escaladores



Escalada em Rocha

Curso Básico
2 dias
Aprenda a escalar em rocha de uma maneira segura e rápida. Campos-escola preparados e equipamentos certificados. Alojamento em nosso abrigo.

Cursos Avançados
2 dias
Proteção móvel, escalada artificial, conquista, grandes paredes. Experiência comprovada.

Escaladas Guiadas
Pedra do Baú, Brasil e Exterior

Primeiros Socorros em Áreas Remotas
WFA-Wilderness First Aid
2 dias
Certificação internacional pelo ASHI- American Safety & Healthy Institute (EUA) e Padilha Treinamentos
Turma 2019: 29 e 30 de junho

MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Tel.: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

deuter
TENAYA
Solo
TRANGO

EQUINOX MOCHILA DE ESCALADOR

PROJETADAS POR ESCALADORES
DURABILIDADE SUPERIOR

MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA
MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!
MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO



KIIHÚ 2.0
SÍNTESE 2.0
GRANDE LESTE 2.0

EQUINOX

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
Editor: Eliseu Frechou
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
E-mail: contato@montanhismus.com.br
Web site: www.mountainvoices.com.br
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/04/2020.

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....
CEP..... Telefone.(.....).....
E-mail.....
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

() Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
() Renovação assinatura - R\$ 20,00
() Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
() Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
() Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
() Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

Total00

169



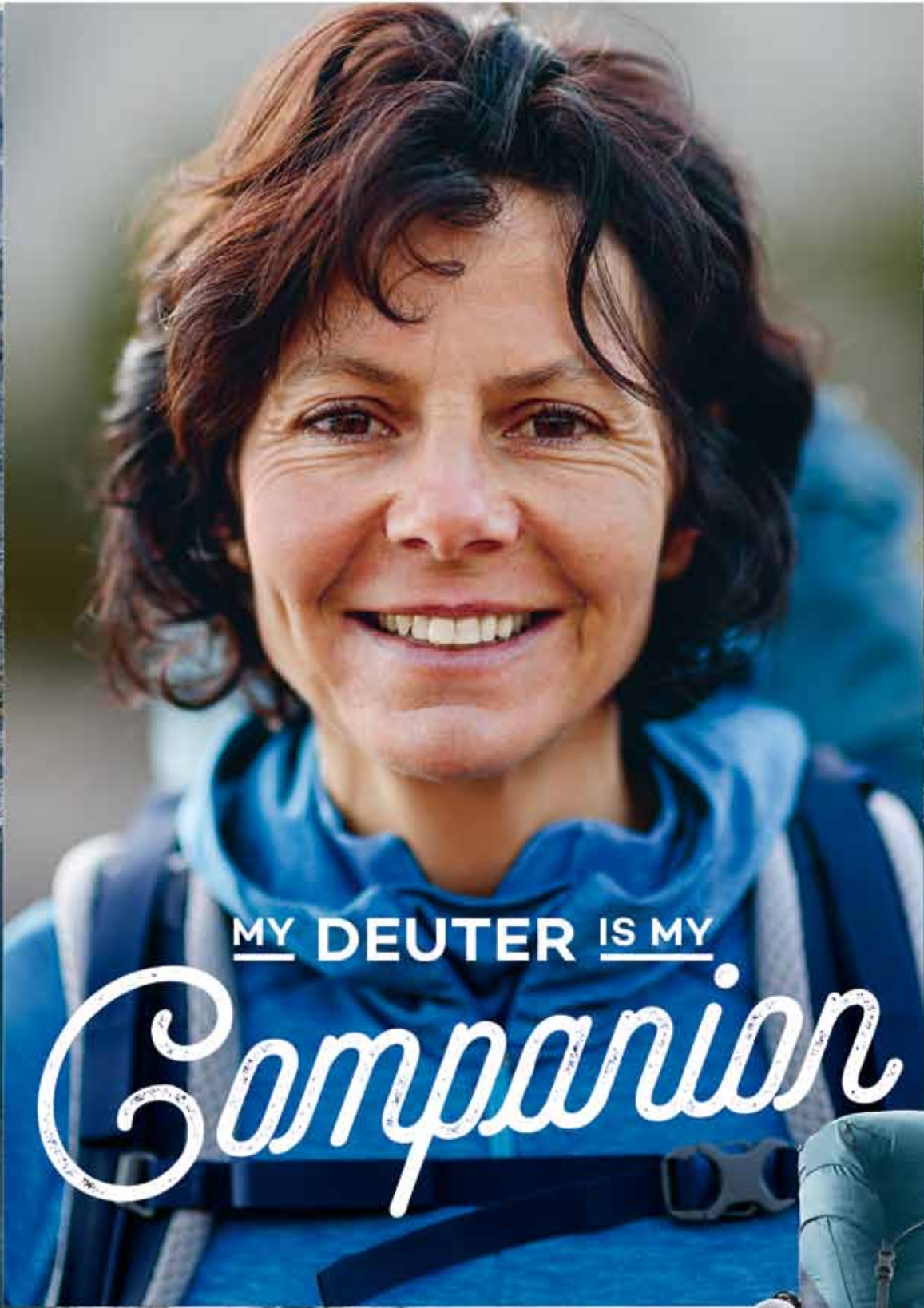
CONFORTO
PERFORMANCE
SOLADO VIBRAM

TENAYA

TANTA MASAI OASI

ENCONTRE O MODELO IDEAL PARA VOCÊ.

SBIOUTDOOR.COM.BR



MY DEUTER IS MY

Companion



deuter.com.br